

# Leopold Bloom, professor: o mestre ignorante e sua metempsicose

Victor Fermino da Silva<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo

**Resumo:** Na fortuna crítica de Joyce, encontramos discussões sobre uma multiplicidade de temas dos mais variados campos científicos. Não apenas aqueles que se relacionam com linguística, semiótica e crítica literária, mas também aqueles campos das ciências humanas mais alheias à literatura, como filosofia, política e geografia. O campo das ciências da educação, no entanto, parece subrepresentado na literatura joyciana: ausência que pode ser atribuída à forma como o autor pouco representou sua vida acadêmica fora de *Stephen Hero*. Mas pretendemos, neste artigo, elicitare uma possibilidade de discussão sobre a pedagogia joyciana: não só as representações da escola, como ocorre no segundo episódio de *Ulysses*, mas sobre a própria natureza da didática, assunto que é representado elegantemente por Leopold Bloom.

**Palavras-chave:** Joyce; Educação; Metempsicose; *Ulysses*; Didática.

## 1. Introdução

Neste artigo, queremos discutir a questão do processo de aprendizagem e o que ele representa dentro da Educação quando manifestado a partir de uma perspectiva não-normativa da prática pedagógica. Para isso, gostaria de usar como referência uma obra literária: *Ulysses*, de James Joyce. E mais especificamente, uma personagem específica “aprendendo” uma palavra específica. Em *Ulysses*, a personagem Molly Bloom, esposa do protagonista Leopold Bloom, pergunta a seu cônjuge, no quarto capítulo, o que significa a palavra “metempsicose”<sup>2</sup>. O esposo, embora não sendo letrado na arte e ofício da didática, tenta explicar da maneira que pode:

She swallowed a draught of tea from her cup held by nohandle and, having wiped her fingertips smartly on the blanket, began to search the text with the hairpin till she reached the word.

— Met him what? he asked.

— Here, she said. What does that mean?

He leaned downward and read near her polished thumbnail.

— Metempsychosis?

— Yes. Who’s he when he’s at home?

— Metempsychosis, he said, frowning. It’s Greek: from the Greek. That means the transmigration of souls.

<sup>1</sup> Victor Fermino da Silva é doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo na área de Formação, Currículo e Práticas Pedagógicas. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2021). Possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (2018). Membro da James Joyce Foundation e da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI). E-mail: victors@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6112-0936>

<sup>2</sup> Μετεμψύχωσις significa transmigração de almas, isto é, um movimento no qual um espírito migra para outro corpo após a morte do anterior

— O, rocks! she said. Tell us in plain words.  
(U 4.52)

Kiberd diz que essas explicações literário-críticas são frequentes, notando que essa conversa tem mais pungência quando consideramos que Leopold Bloom de fato vai repetir os erros do Ulisses homérico. “Grandes personagens do passado, de Aristóteles a Parnell, de Jesus a Shakespeare, reencarnarão em Bloom no desenrolar do livro. Assim ele se conforma perfeitamente com a definição de tipo mítico feita por Victor Hugo, que ‘não pode ser sobreposto por inteiro sobre um indivíduo’, mas ‘concentra sob uma forma humana toda uma família de personagens e ideias’” (Kiberd, 2012, p. 29).

Enquanto escrevia *Ulysses*, Joyce dava aulas, e aqui é importante lembrar que não se trata de uma obra romântica escrita em poucos meses, no calor de cada momento, mas de uma peça com viés composicional clássico. Embora ele não ensinasse mais pela Berlitz, Joyce continuou dando aulas particulares em Trieste e Zurique enquanto ele completava a maior parte do romance; seus horários dando aula na escola Revoltella também coincidem com a composição do livro. Nesses anos posteriores da carreira de ensino de inglês de Joyce, como descrito no primeiro capítulo [do livro de Switaj], o Método Berlitz continuou a influenciar sua pedagogia. Em *Ulysses*, assim como em *Portrait*, a influência de Berlitz, e de forma mais geral o ensino dado por Joyce, se estende às representações de linguagem e de pedagogia. Contrastando com o romance anterior, entretanto, Joyce não mais pega emprestado dos livros de Berlitz para estruturar sua representação do desenvolvimento linguístico. Ao invés disso, ele começa a usar uma estrutura similar para ensinar ao leitor como compreender usos idiossincráticos da linguagem (Switaj, 2016, p. 75, tradução nossa<sup>3</sup>).

Em *Berlitz Schools Joyce*, Roy Gottfried observa as formas como o escritor usava os textos do *First Book of English* (material didático do método Berlitz) e os transformava em um método próprio. “Sua própria experiência como falante de línguas em alguma maneira estava em conformidade com a filosofia Berlitz de confronto direto com a língua estrangeira” (Gottfried, 1979, p. 225, tradução nossa<sup>4</sup>). O confronto do escritor com o

<sup>3</sup> Though he no longer taught for Berlitz, Joyce continued teaching private lessons in Trieste and Zurich while he completed the bulk of the novel; his terms teaching at the Revoltella school also overlap with the composition of the book. In these later years of Joyce’s English-language-teaching career, as described in the first chapter, the Berlitz Method continued to influence his pedagogy. In *Ulysses*, as in *Portrait*, the influence of Berlitz, and more generally of Joyce’s teaching, extends to depictions of both language and pedagogy. In contrast to the earlier novel, however, Joyce no longer borrows from the Berlitz books to structure a depiction of developing language. Rather, he begins to use a related structure to teach the reader how to understand idiosyncratic uses of language.

<sup>4</sup> His own experience as a speaker of languages in some measure conforms to the Berlitz philosophy of direct confrontation with the foreign tongue.

currículo proposto pelos diretores do sistema parece ecoar um sentimento nutrido por Joyce desde a sua época de universitário: a noção Saussuriana de que a linguagem não é formada apenas por palavras que representam diretamente objetos ou conceitos, mas sim algo que opera dentro de sistemas linguísticos em oposição a outras palavras.

## **2. Reencarnação das almas**

Pensar na questão do aprendizado, sob qualquer ótica, é um exercício complexo. Não só porque a Educação é um campo rico e cheio de complexidades em diferentes perspectivas, mas porque o próprio conceito de aprender não é uno. Ele está na leitura, está no movimento, está no professorado e no aluno. Pensá-lo enquanto forma primitiva de dialética, como se o conhecimento fosse um rio e o aluno um Heráclito, nos permite fazer um recorte vertical e ponderar sobre essa passagem.

Na metáfora de Heráclito, "onde não há essências, mas processos estruturados, a contradição se mantém intacta: o mesmo princípio unificador que se apresenta sempre de diferentes perspectivas, este princípio que, no limite, unifica as propriedades contrárias no todo do processo" (Almeida, 2015, p. 261). Podemos argumentar que há formas diferentes de observar o fenômeno do aprendizado a partir de uma Educação como "bancária" ou como "libertadora" (mesmo que esse dualismo tenha nuances). Monich e Engster (2007) comparam essa diferença a uma nau e o mar: o determinismo genético e a mutabilidade constante dos humanos que estão sempre em construção, citando também a Educação como um movimento de articulação entre esses territórios.

Com isso em mente, podemos agora pensar na Educação não como o navio nem como a água, individualmente, e também não como o destino ou uma ilha, mas como o movimento das ondas que fazem a embarcação se mover. Pensando em formas dialéticas de outro campo, "A educação proporciona o segundo nascimento do indivíduo porque o torna autônomo, senhor de si no convívio de seu povo" (Novelli, 2001). Mas mais importante, a Educação, dentro da dialética hegeliana, é apresentada com contradições emergentes às considerações do que é significativo e o que é insignificante, mesmo quando o diálogo é inevitável: não é fácil apreender exatamente o que aprendemos na escola, no sentido de que ter aulas que ensinem equação de segundo grau não necessariamente vai manter a fórmula de Bháskara na frente da consciência, mas que, em sua aparente insignificância, pode trazer outras consequências para o fenômeno do aprendizado dentro de um sistema social-dialógico no qual dito aprendizado ecoa na subjetividade de outros. Se a realidade é o que ela será (ou melhor, o que está sendo para vir a ser), retornamos à questão da metempsicose e da herança.

O aprendizado é então ação histórica, cujo princípio reside na “relação entre os dois estados do social, ou seja, entre a História objetivada nas coisas, na forma de instituições, e a História encarnada nos corpos, sob a forma desses sistemas de disposições duráveis que chamo de *habitus*” (Bourdieu, 2001, p. 41).

### 3. Aprendizado e emancipação

Voltando à questão de Molly Bloom perguntando o que significa a palavra “metempsicose”, podemos observar um fenômeno engraçado no diálogo entre esposo e esposa: Leopold, ao dizer que se trata de uma transmigração de almas, está etimologicamente correto. μετα (meta, transformação) + εν (dentro, por meio de) + ψυχή (alma). Mas Molly não entende essa primeira explicação, e não é necessariamente por uma falta de capital cultural ou social; o fato é que ela é uma cantora de ópera de renome em Dublin.

E então Leopold explica de novo, dessa vez apenas chamando de “reencarnação”. A palavra ‘reencarnação’ etimologicamente se relaciona mais com a carne do que com a alma. Mas essa explicação é suficiente para Molly. Durante o resto do livro, Leopold ocasionalmente se lembra da forma como sua esposa pronuncia a palavra (no caso da tradução de Caetano Galindo, “mete em si e cose”, e que no original tem uma conotação um pouco mais sexual, com “met him pike hoses”). Essas memórias sobre a pronúncia surgem em solilóquios distraídos de Leopold, como se sua principal lembrança do dia fosse a forma como sua esposa falou, e não a palavra em si, tampouco sua significação.

Apesar de ter explicado o seu significado para Molly, Leopold confunde a palavra com metamorfose (algo que também é aludido quando ele usa “reencarnação” como sinônimo). De uma forma ou de outra, há uma clara diferença entre os aprendizados de Leopold, de Molly, do leitor e do próprio Joyce. Mas essa relação compõe uma dialética de problema-Ideia que pode se articular com a conceituação deleuzeguattariana do jogo do problema que sempre tem a solução que merece de acordo com *sua* própria verdade (ou falsidade). O problema do devir do conceito de metempsicose se relaciona, para Leopold, também com a dúvida de Molly: o esposo acredita ter “ensinado” de acordo com a *sua* verdade. A relação hereditária da forma de educação que o condicionou a pensar na palavra da sua maneira é estendida a sua esposa, mesmo que de forma incompleta. “A estrutura problemática faz parte dos objetos e permite apreendê-los como signos, assim como a instância questionante ou problematizante faz parte do conhecimento e permite apreender-lhe a positividade, a especificidade no ato de *aprender*” (Deleuze, 2006, p. 70). O binômio problema-Ideia, e a relação entre problemas e soluções no aprendizado, então,

constituem uma máquina de eternas contradições que no máximo conseguem equidistanciar as interpretações do problema, mas nunca estabelecer soluções absolutas.

Uma não-resposta interessante para a não-pergunta da aula vem de Jacques Rancière em *O espectador emancipado*. O autor começa o texto falando sobre um tal paradoxo do espectador: paradoxo porque não há teatro sem espectador, e ao mesmo tempo ser espectador é um mal, pois olhar é o contrário de conhecer. Dá-se aí uma situação na qual a existência do teatro depende de uma relação antagônica para ser. Além disso, o espectador fica imóvel, passivo. “Ser espectador é estar separado ao mesmo tempo da capacidade de conhecer e do poder de agir” (Rancière, 2012, p. 8). Para Platão, isso significa que o teatro é absolutamente ruim, transmitindo uma doença de ignorantes e sofrendores; para outros críticos do teatro, há a ideia de que precisamos de um teatro sem espectadores. Não no sentido de não haver um público, mas no sentido de incluir o público na ação teatral. Rancière aponta que essa ideia de extinção do espectador está presente nos teatros de Brecht e de Artaud: “para um, o espectador deve ganhar distância; para o outro, deve perder toda e qualquer distância” (Rancière, 2012, p. 9).

A emancipação de Molly Bloom se dá, portanto, não na dimensão de uma técnica pedagógica consciente executada por seu marido. Leopold Bloom não é um professor *stricto sensu* tal como Stephen Dedalus, mas há algo acontecendo entre a dúvida de Molly e sua explicação. A inaptidão de Bloom ao saciar a dúvida da esposa ilustra uma incapacidade no plano da didática, mas não a ausência do aprendizado. Se a explicação viciada em uma pedagogia bancária e etimologocêntrica não faz com que Molly aprenda seu significado, é a presença dessa dúvida (não só para ela, mas também para Leopold) pelo resto do romance que traz um argumento mais poderoso sobre educação em *Ulysses*. Em *O mestre ignorante*, Rancière fala sobre o caso de Joseph Jacotot<sup>5</sup>, que *ensina* a seus alunos de maneira similar ao que ocorre na obra joyciana:

Sozinhos, eles haviam buscado as palavras francesas correspondentes àquelas que conheciam, e as razões de suas desinências. Sozinhos eles haviam aprendido a combiná-las, para fazer, por sua vez, bases francesas: frases cuja ortografia e gramática tornavam-se cada vez mais exatas, à medida em que avançavam na leitura do livro; mas, sobretudo, bases de escritores, e não de iniciantes. Seriam, pois, supérfluas as explicações do mestre? Ou, se não o eram, para que e para quem teriam, então, utilidade? (Rancière, 2007, p. 20)

---

<sup>5</sup> Joseph (ou Jean-Joseph) Jacotot (1770 – 1840) foi um professor francês e filósofo educacional, criador do método da “emancipação intelectual”

Rancière argumenta que as crianças que aprenderam com Jacotot estavam aprendendo um idioma por inteligência própria e por *intermédio* do mestre, mesmo que este não estivesse *explicando* a língua. Jacotot separa a inteligência em dois: a da criança (ou do homem comum, ou no caso de *Ulysses*, da mulher comum) e a racional, que permite ao indivíduo explicar as coisas. Para o pedagogo, a segunda inteligência é aquela proveniente do homem culto e esclarecido. Mas Rancière propõe que haja aí uma ruptura nas lógicas pedagógicas, pois não há mais atores ativos e passivos — Jacotot não havia transmitido nada, e o método era puramente do aluno. Sendo assim, a relação pedagógica não era de inteligência superior se impondo a uma inteligência inferior, mas algo muito mais fundamental. “O ato de aprender podia ser reproduzido segundo quatro determinações diversamente combinadas: por um mestre emancipador ou por um mestre embrutecedor; por um mestre sábio ou por um mestre ignorante” (Rancière, 2007, p. 33).

*Nestor* é o episódio que traz uma discussão sobre educação em um ambiente muito concreto: em uma sala de aula, com um professor de ofício e alunos jovens. Mas é em *Calypso* que Joyce descreve um diagnóstico sobre o processo de aprendizado: não como uma técnica na qual uma figura de autoridade *deposita* conhecimento na cabeça de um objeto sujeitificado, mas como um diálogo poroso sobre um objeto polissêmico cuja compreensão pode sequer se completar durante tal diálogo. Isso não quer dizer que a explicação sobre “metempsicose” é em si uma aula, pois uma aula é construída a partir de mais do que apenas o processo do aprendizado, mas é por isso que a perspectiva de Rancière pode tão bem compreender a passagem. Longe das instituições escolares, o aprendizado ainda acontece.

#### 4. Heranças horizontais

Bourdieu explica o arquétipo do estudante (“ideal”) como aquele que está condenado a um papel passivo, não produzindo, mas produzindo-se como capaz de produzir (Bourdieu, 1985, p. 76). E que o ato de estudar é um meio a serviço de um fim exterior ao estudante. E é aí que precisamos diferenciar o que é estudar e o que é aprender; tomando o caso de Molly e Leopold, pois a relação de movimento perante a palavra assume diferentes significações através de diferentes perspectivas. A herança cultural e social de cada personagem não é um fator que determina uma questão binária do aprendizado (aprender ou não aprender), mas uma gama de leituras com base em perspectivas subjetivas. Ainda pensando na questão de capitais culturais e sociais, o problema dessa palavra (no livro) é

que ela é um leilão, um *commodity* com valor e preço absolutamente relativos porque as duas personagens têm interpretações muito diferentes.

Com isso em mente, faz sentido visualizarmos a herança não como uma relação vertical numa árvore genealógica, mas como algo horizontal, como um rizoma, que se estende não apenas de cima para baixo como também para os lados, para frente, para cima e para todos os cantos possíveis e impossíveis. O que Molly Bloom aprendeu com seu esposo não foi algo emanado e territorializado por meio de uma relação de poder perpetuada pela academia (embora ainda um resultado de uma relação de poder no que diz respeito a gênero e matrimônio), o que acarretou em uma absorção dialógica do ser com um tempo e não apenas uma extensão autoritária.

E o que o agitado corretor de anúncios aprendeu? E o que ele/ela aprendeu? Nesse quesito, é importante destacar que o seu aprendizado é quase subentendido no livro, por diversas razões: a primeira, e mais óbvia, é que foi ele quem explicou a natureza etimológica para Molly. Como “tutor”, o seu papel não foi o de entender o significado, mas, no caso de uma representação fictícia, tornar esse entendimento em um conceito narrativizado. Em uma forma menos romanesca, esse papel seria designado a uma personagem dignificada com uma maestria. Um sábio. Um deus. Mas na estrutura do romance de Joyce, aquele que ensina tem tantas dúvidas internas quanto a aluna. Bakhtin explica que, no romance, há uma dialogicidade interna do discurso que se distingue daquilo que “se definia como encontro com a palavra do outro no próprio objeto” (Bakhtin, 2020, p. 56). O horizonte subjetivo é mais importante do que a tradução simples de retórica em narrativa. Leopold simplesmente não sabe responder de forma entendível, o que é uma “falha” no sentido normativo do processo idealizado no qual o mestre forma o pupilo sem criar dúvidas.

A construção de personagens cuja natureza não está nos pólos opostos de “pupilo” e “mentor” é possível no romance porque há algo de mais dialógico na relação entre o ser da ficção e o tempo narrativizado. O fluxo desenfreado do tempo é o “princípio unificador da homogeneidade que lapida todos os fragmentos heterogêneos e os põe numa relação recíproca” (Lukács, 2021, p. 132). É o tempo que ordena o caos e faz com que cada personagem dentro do romance seja apenas um passageiro, um ponto dentro de uma linha (ou, por vezes, um rizoma) cuja descrição narrativa busca apenas fotografar, e nunca descrever por completo. “Por mais casual que seja o surgimento de um personagem (...), ele emerge de uma continuidade viva e existente” (Lukács, 2021, p. 132). É essa natureza subjetiva e paralela ao tempo narrativo que permite a construção realista de personagens em processo constante de aprendizado.

O fracasso de Leopold Bloom é algo que está de acordo com sua representação no resto do romance. Um marido imperfeito, um amigo imperfeito, um humano imperfeito, um herói imperfeito, um Ulisses imperfeito. Mas essa ideia do mestre imperfeito constrói uma relação interessante quando pensamos em como ele interage com um dos outros protagonistas. Stephen Dedalus, o professor e acadêmico, representação do próprio Joyce, tem muito a aprender com Bloom. Não sobre etimologias gregas, nem sobre filosofia, nem sobre a hermenêutica de Hamlet, mas sobre outras coisas. O processo tácito da aula se manifesta de forma mais poderosa quando Leopold e Stephen estão juntos, quase no final do livro. E embora tenhamos aí uma imagem familiarista e claramente inspirada no Ulisses e no Telêmaco da *Odisseia*, o que melhor podemos absorver dessa dialética de pai e filho é uma representação de uma didática que ecoa o problema-Ideia de Deleuze. A solução para o problema do entendimento da metempsicose não está em uma compreensão etimológica e literal, mas em um afeto reforçado por experiências subjetivas. Com isso, Leopold e Stephen se aproximam em situações nas quais suas almas ecoam as almas de Ulisses, de Cú Chulainn, de Telêmaco e de Hamlet.

Agora retornemos a Molly Bloom por um momento. Já discutimos o papel do mestre na dialética do aprendizado, então precisamos agora falar sobre aquele que sofre algum tipo de opressão nesse movimento. No caso de Molly Bloom, a situação não pode ser resolvida com uma interpretação familiarista, pois a própria existência da personagem comprova a necessidade de fugir da família e construir um ser autônomo a partir de si. É importante lembrar que, no decorrer do século XX, antes de leituras críticas mais feministas, Molly Bloom era percebida como uma “prostituta satânica” (Norris, 2011, p. 217). E mesmo entre alguns círculos mais conservadores de leitura de Joyce, a riqueza da personagem é perdida nesse arquétipo. A ideia de que a aparente promiscuidade exagerada da personagem parte de uma retórica de desumanização comum não apenas na Europa de 1922. As alusões à repressão sexual, por vezes representadas por flertes com bissexualidade, não são incomuns na ficção: aconteceu com Molly Bloom e com Clarissa Dalloway. E no caso de Molly, mesmo não estando em um ambiente escolar na duração do livro, ela passa por interações sociais nas quais personagens masculinas ensinam algo a ela. Leopold tenta explicar a transmigração de almas, e Blazes Boylan, um de seus amantes, procura afirmar sua ampla experiência no ato sexual.

Mesmo longe da escola, ainda há um constante fantasma temporal e hereditário nas relações entre as personagens de *Ulysses*. A fascinação de Joyce com o ambiente acadêmico é óbvia e diegética ao descrever Stephen Dedalus, o eterno discípulo que não se aceita enquanto mestre. E no caso de Molly Bloom, uma personagem comumente descrita como



comum, o problema da Educação mostra outra de suas faces: não a da hermenêutica sem fim, que afeta Dedalus, mas a face da sua continuidade em outras esferas sociais. Enquanto ser humano em constante aprendizado, Molly continua sujeita a relações de repressão e de educações normativas que herdaram o ambiente heteronormativo que Joyce conhece.

Calcados no mito de instituição responsável pela transmissão de saberes (dentro das relações de poder analisadas por Foucault), a escola e os discursos pedagógicos a ela intrínsecos e historicamente construídos e replicados (até hoje) limitam-se, ainda, à transmissão de conhecimento/informação (o saber científico, a “verdade” sobre nós e o mundo em termos foucaultianos e ao disciplinamento de corpos (generizados, sexuados, saudáveis e normalizados) (Miguez, 2020, p. 65).

Quando colocamos a vivência de Molly enquanto mulher na equação do aprendizado da palavra, algumas variáveis se sobressaltam e ajudam a propor um possível eixo de debate para compreender esse problema. Apesar de não ser a primeira opção para todos, acreditamos que seja importante colocar uma possibilidade em primeiro lugar: Joyce simplesmente não escreveu uma personagem feminina com capacidade de compreender a metempsicose. Trata-se de uma meta explicação que foge um pouco da questão diegética e investe na crítica biográfica ao autor que é consistentemente desfavorável a personagens femininas. O problema dessa crítica é que, por mais que seja verdadeira, dispersa uma questão importante sobre uma personagem interessante da obra. Mesmo que Molly Bloom seja o resultado de uma fantasia cristã de Joyce, quando a analisamos, tentamos imaginar ela enquanto ser real, independente das ignorâncias de seu criador.

Levando em consideração essa limitação do autor, de “tornar claro que a ‘mulher’ é uma figura derivada, uma ‘miragem projetada’, nascida de uma feminilidade comodificada e de um desejo masculino e oportunista” (Johnson, 2006, p. 204), o que se tem é uma representação do aprendizado ainda deficiente. Mas se Leopold aprendeu a palavra pela sua “forma”, Molly a aprendeu de uma forma tácita que manteve seu significado e sua *diferência* mais próximos de sua realidade pessoal.

No último episódio, *Penelope*, quando Molly protagoniza um solilóquio em estilo de fluxo de consciência enquanto está prestes a cair no sono, parte de seus pensamentos é composta de memórias triviais, que ela assimila enquanto fala sobre sensações, sobre Leopold, sobre seus filhos Rudy e Milly e sobre suas relações extraconjugais. Em um certo momento ela diz que “God I wouldnt mind being a man and get up on a lovely woman” (U 18.633). Em outro, ela fantasia sobre ir ao cais durante a noite e se relacionar com um marujo qualquer que não tenha interesse em quem ela é. E no final, no famoso trecho “yes

I said yes I will Yes” (U 18.644), ela está falando de Leopold; lembrando de quando ele a pediu em casamento, e de quando ele a chamou de flor da montanha”. E ela lembra que Leopold, em sua juventude, era parecido com Lord Byron. As primeiras estrofes de *Don Juan*, poema épico de Byron, ensaiam sobre a energia dos beijos e, mais especificamente, sobre o primeiro beijo. E não é coincidência que *Ulysses* se passa em 16 de junho de 1904, data na qual Joyce conheceu sua esposa, Nora Barnacle: em diversas maneiras, o romance é uma convergência de espíritos. Joyce buscou traduzir diretamente para o papel elementos da sua vida real, como uma verdadeira metempsicose.

E quando Molly sonha com Byron, com Leopold, com flores da montanha, com poemas e com o cotidiano, o seu subconsciente consegue escapar um pouco das relações normativas e tomar uma forma mais livre-associativa. Claro que o fluxo de consciência é uma técnica empregada por Joyce e não uma corrente de pensamentos direta de uma pessoa, mas é interessante observar que, mesmo não tendo compreendido formalmente o significado de metempsicose, Molly sonha com a convergência de almas de poetas e de conceitos em pessoas. Para fins narrativos, é de uma doce ironia que a personagem que perguntou o significado de uma palavra tenha um episódio inteiro dando ao leitor a sua melhor aplicação.

## 5. Continuidade do aprendizado

Quando Bourdieu critica a relação hereditária presente nas universidades, os conceitos de capital cultural e capital social logo se tornam claros para mostrar que essas raízes pedagógicas se manifestam além da universidade e por todo um campo social. Mesmo o aluno que sai da escola acaba por manter um *habitus* que ecoa suas relações com o ambiente que o formou ser social.

Em *Ulysses*, Stephen Dedalus continua preso em um ambiente acadêmico, para sempre questionando o seu papel; Leopold Bloom, mesmo que não seja o arquétipo definitivo do cidadão comum, ainda guarda dentro de si uma percepção ideal de educação bancária e conteudista. Ele lembra das significações formais mas nem sempre consegue aplicar seu conhecimento, o que faz com que seus pensamentos mais transgressivos sejam reprimidos; e Molly Bloom, uma artista distante da universidade, é influenciada por uma estrutura social feita para reprimir seus pensamentos mais transgressivos. E ainda assim, é ela que pergunta o que é “metempsicose”. Bloom explicou, mas não entendia muito bem. Ela continuou sem entender exatamente, mas é esse conceito, tão onipresente no resto do livro, que ela explica apenas por vocalizar o que ela apreendeu em sua vivência subjetiva.

A polissemia da obra joyciana está sempre se abrindo para novas perspectivas, de diferentes campos, e as ciências da educação se mostram enquanto representação em vários momentos. E se *Nestor* nos traz um Stephen como professor no senso mais estrito possível, talvez seja todo o *Ulysses* uma grande lição sobre como podemos pensar o fenômeno do ensino. Para Joyce, aprender não é apenas receber uma informação e memorizá-la, e tampouco é o ato de ensinar um processo autoritário de depósito de informação: há, na metempsicose da “metempsicose”, um diálogo constante que permeia por todo o romance, e refrange na forma como falamos sobre Joyce na sala de aula. A leitura de *Ulysses*, assim como seu aprendizado, ecoa a possibilidade de emancipação que não depende necessariamente de um mestre explicador em uma sala de aula dando lições sobre literatura. E com o casal Bloom, Joyce parece brincar exatamente com uma filosofia pedagógica que ecoa esse pensamento.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nazareno Eduardo de. Sobre a semiótica de Heráclito e o sentido literário da Filosofia. **Eutomia**, Recife, v. 15, n. 1, p. 234-266, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **Lições da Aula**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Ática, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1985.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Editora Graal, 2006.
- ENGSTER, Nélia Elaine Wahlbrink; Monich, Alexandre Ari. Educação, sexualidade e o ‘Panta Rei’ de Heráclito. **LINHAS**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2007.
- GOTTFRIED, Roy. Berlitz Schools Joyce. **James Joyce Quarterly**, v. 16, n. 3, p. 223–38, 1979.
- JOHNSON, Jeri. Joyce and feminism. **The Cambridge Companion to James Joyce**, 196–212, 2006.
- JOYCE, James. **Ulysses**. Edited by Hans Walter Gabler with Wolfhard Steppe and Claus Melchior. Nova York: Vintage Books, 1986.
- KIBERD, Declan. Introdução. **Ulysses**. Trad.: Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.
- KOJIMA, Motohiro. Leopold Bloom’s ‘Metempsychosis’ and ‘Parallax’ in ‘Ulysses’. **Journal of Irish Studies**, v. 20, p. 21–30, 2005.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2021.
- MÍGUEZ, Antón Castro. Heteronormatividade e violência escolar. **Educação contemporânea: sociedade e educação inclusiva**. Poisson, p. 63-70, 2020.
- NORRIS, Margot. **Virgin and Veteran Readings of Ulysses**, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. São Paulo: Audiência, 2007.

SWITAJ, Elizabeth. **James Joyce's teaching life and methods: Language and Pedagogy in *A Portrait of the Artist as a Young Man*, *Ulysses*, and *Finnegans Wake***. Palgrave Macmillan, 2016.